

Boletim Semanal* – 10/2020 – 10 de julho de 2020

CAFÉ

**Economista Paulo Franzini*

Em uma área plantada de aproximadamente 36 mil hectares de lavouras adultas, o Paraná deverá colher entre 900 a 980 mil sacas beneficiadas de 60kg em 2020. Devido ao período chuvoso ocorrido nas últimas duas semanas os trabalhos de colheita avançaram num ritmo mais lento, alcançando 63% conforme o boletim do DERAL referente a evolução do plantio e colheita de 06 de julho. Com o clima mais frio e úmido, há maior dificuldade também na secagem e preparo dos lotes, uma vez que a maioria dos cafeicultores não possuem secadores, e dependem do clima para seca do café nos terreiros.

A comercialização nas últimas quatro semanas permaneceu lenta devido à queda constante nas cotações em junho, fechando o mês com a média de R\$443,31 contra os R\$514,70 recebido por saca de 60kg em maio, baixa de 13,9%. Até agora cerca de 19% da atual produção colhida foi vendida pelos produtores, basicamente para bancar os elevados custos da colheita, de certa forma encarecida pelos cuidados necessários com a pandemia do Covid-19. Nos últimos dias os preços subiram um pouco, fechando a semana de 29/06 a 03/07 com média de R\$441,92, aumento de 5,45% em relação aos R\$419,35 da semana anterior. Este impulso nas cotações está diretamente relacionado a confirmação das primeiras previsões das frentes frias que chegam nas regiões cafeeiras do Brasil, as oscilações do dólar frente ao real e de certa forma pela divulgação da Organização Internacional do Café – OIC sobre a queda de quase 5% nas exportações mundiais de café registrada nos últimos doze meses.

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Com o encerramento da segunda safra de feijão ou safra das secas 2019/20, os produtores rurais estão avaliando os resultados da produção até este momento. Foi uma safra atípica, onde o clima por meio da estiagem foi o vilão que afetou de forma surpreendente e negativamente a safra. As perdas estimadas na produção até o momento são de 40% do total, isto é, cerca de 174 mil toneladas deixaram de ser colhidos pelos agricultores. Cerca de 90% do total colhido foi comercializado, e restam apenas nas mãos dos agricultores em torno de 27 mil toneladas, sendo que 236 mil toneladas abasteceram o mercado nacional da leguminosa.

De acordo com o DERAL/SEAB, o preço médio recebido pelos produtores feijão classe cores no início de julho foi R\$ 196,01 sc 60 kg, e o classe preto R\$ 194,76 sc 60 kg, confirmando a tendência de quedas nos preços dois tipos de feijão.

De acordo com o Boletim da Conab, a gradativa queda dos preços se deve ao avanço da oferta da produção proveniente da 2ª safra, e início da colheita da 3ª safra a partir do final de junho.

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

As mudanças climáticas já não se encerram somente à ficção científica, e fenômenos atmosféricos impactantes como a experiência vivida em 30/06 passado no sul do Brasil, com o ciclone extratropical de alta intensidade – ventos aferidos superiores a 120 km/h -, dão a dimensão da convivência humana, frente a adversidade, quando alterações no ambiente de normalidade, surpreendem num curto espaço de tempo.

Boletim Semanal* – 10/2020 – 10 de julho de 2020

No rastro da destruição, além das perdas materiais, vidas humanas sucumbiram e a mensuração e reconstrução das regiões afetadas levará algum tempo, pois em 07 e 08/07, um novo evento climático de menor intensidade atingiu principalmente o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Destarte, a produção de bananas foi uma das atividades da agropecuária onde o prejuízo foi imediato, com a derrubada dos bananais que se recuperavam de uma primavera e verão cuja forte estiagem já havia debilitado as plantas.

A partir do Litoral Norte gaúcho, perpassando a região Carbonífera e o Vale do Itajaí em Santa Catarina, as encostas do Litoral paranaense e o Litoral sul de São Paulo, a derriça dos bananais foi constante. As perdas são imediatas, pois os cachos estavam 'engordando' para a colheita.

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a bananicultura está presente de Norte a Sul em 3.399 municípios (61% - Pesquisa Agrícola Municipal – PAM 2018), é a segunda fruta em área, volume e valor bruto da produção (VBP) em relação a fruticultura. O Censo Agropecuário de 2017, do mesmo Instituto, contabilizou 202,5 mil estabelecimentos com bananas.

A produção nacional para 2020, segundo o IBGE, está estimada em 6,8 milhões de toneladas colhidas em 458,9 mil hectares. O estado de São Paulo lidera o cultivo no país, respondendo por 15,3% dos volumes e tem no Vale do Ribeira a sua principal atividade agrícola.

Santa Catarina figura como o quarto produtor e participa com 10,6%, sendo o Vale do Itajaí o irradiador da atividade no estado. O Paraná e o Rio Grande do Sul estão ranqueados como o décimo primeiro e o

décimo terceiro lugar, e tem seus bananais concentrados nos contrafortes litorâneos da Serra do Mar, contribuindo com 2,5% e 2,0% respectivamente.

As comunidades de Cubatão e Caovi, no município de Guaratuba, são a principal região produtora do estado do Paraná, e posicionam-no como o vigésimo lugar nas estatísticas nacionais da cultura, com 1,1% das bananas colhidas no Brasil em 2018. Em se observando a atividade no estado, estas comunidades representaram 42,3% das 82,5 mil toneladas extraídas de bananas, no ano de 2019. Estão organizados em associação, pois estão inseridos em Área de Proteção Ambiental, o que requer uma atuação coletiva dentro de limites ambientais estabelecidos por legislação específica.

A comunidade de Castelhanos, em São José dos Pinhais, segundo produtor do estado e 5,5% das colheitas, embora mais protegida da incidência de ventos devido sua posição geográfica, teve também afetados seus bananais.

Vivenciando a recuperação hídrica dos bananais da seca histórica vivida na última primavera e verão, e impactados pela redução da demanda via isolamento social, uma safra promissora vislumbrava-se até terça passada.

Os dados ainda são preliminares, no entanto avaliações da assistência técnica e prefeituras dos estados do Sul estimam que 90% a 95% dos bananais foram afetados com perdas parciais e totais, dentre 50% a 100% de plantas derrubadas. Alguns cachos com menores danos serão selecionados e irão ao mercado, aumentando a oferta no curto prazo, porém a atividade levará cerca de um ano para recuperar a oferta, com reflexos nos preços ao consumidor.

Boletim Semanal* – 10/2020 – 10 de julho de 2020

A amplitude da devastação não se limitou as plantas. As casas de embalagem, barracões de máquinas e equipamentos, e residências foram danificados. Ademais, a bananeira é caracterizada como cultivo perene, não possuindo cobertura do seguro rural, além de que parcela de pequenos produtores não acessam o crédito, ficando a descoberto frente a intempérie.

Contudo, as Prefeituras Municipais, Secretarias Estaduais e o Ministério da Agricultura estão cientes da tragédia, e dentre medidas mitigadoras, propõe a prorrogação de créditos, tanto de custeio como de investimentos, junto aos agentes financeiros; bem como estudos sobre linhas emergenciais para os pequenos produtores.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Os trabalhos com a cultura da mandioca estão bastante intensificados, nesta época do ano. Os meses de junho, julho e agosto concentram a maior parte da colheita de mandioca em nosso Estado, porém esta prática se estende até o final do mês de dezembro.

Segundo o levantamento do Departamento de Economia Rural, apesar das dificuldades causadas com a estiagem nos primeiros meses do ano e nas últimas semanas as frequentes chuvas, a colheita já atingiu 42% dos 141,6 mil hectares ocupados com a mandioca na presente safra. Nos 59,3 mil hectares colhidos, até o final do mês de junho, a produção obtida foi de 1.480 mil toneladas, correspondendo a uma produtividade média de 24.958 kg/ha.

Durante este período de trabalhos mais intensos no campo, os produtores estão dividindo o seu tempo em preparo do solo, no plantio e também na

colheita. Aqueles que o prazo de entregar as terras arrendadas ou necessidades de fazer caixa priorizam a colheita, porém alguns produtores preferem reduzir esta prática com o objetivo de alcançar melhores preços.

A média dos preços recebidos pelos produtores no mês de junho foi de R\$ 334,00/t de mandioca posta na indústria, contra R\$ 326,00/t no mês de maio de 2020, cerca de 2,5% de aumento. Já a fécula, no atacado, foi comercializada neste mesmo período por R\$ 52,00/sc de 25 kg contra R\$ 53,00/sc de 25 kg no mês de maio, resultando em 2% de redução. Este comportamento de preços da fécula significa que a pandemia causada pelo Coronavírus continua prejudicando a comercialização, pois a demanda pelas indústrias que utilizam a este produto ainda é pequena.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

No primeiro semestre de 2020 as exportações de milho do Estado do Paraná tiveram uma redução de 73% comparativamente ao mesmo período de 2019. Foram exportadas neste período 332 mil toneladas, enquanto em 2019 o volume foi de 1,25 milhão de toneladas. A receita financeira com as exportações do cereal foi 57,6 milhões de dólares (janeiro a junho 2020).

Já no cenário doméstico a segunda safra de milho apresenta mais de 62% da área a colher em sua fase final de maturação e em boa parte muito próximo da colheita assim que as condições de clima forem favoráveis. A produção esperada permanece em 11,4 milhões de toneladas, abaixo da previsão inicial. Já as condições das lavouras, nesta semana, 44% apresentaram condições boas e 38% mediana e 18% ruim.

Boletim Semanal* – 10/2020 – 10 de julho de 2020

SOJA

**Economista Marcelo Garrido*

O Departamento de Economia Rural divulgou no mês passado a última atualização trimestral da pesquisa de levantamento de custos de produção para a cultura da soja. O levantamento aponta que os custos variáveis de produção, que são aqueles que englobam as despesas com insumos, transportes, mão de obra temporária, entre outros, foram de R\$ 39,94 por saca de 60kg, em média em maio de 2020. Esse valor reflete um aumento de 2,1% em comparação com o mesmo período de 2019, quando o custo variável estava estimado em R\$ 39,11 por saca de 60 kg.

Entre os itens pesquisados os que tiveram maior variação no período foram o transporte com uma variação positiva de 14% e o gastos com fertilizantes que subiram aproximadamente 7%.

No mesmo período os preços recebidos pelos produtores paranaenses variaram aproximadamente 24%. Entre janeiro e maio de 2019, o preço médio mensal nominal recebido pelos produtores paranaenses pela saca de 60 kg de soja foi de R\$67,56, já em 2020, no mesmo período o produtor recebeu em média R\$ 83,62 pela mesma quantidade.

Em relação à moeda americana, a variação foi de aproximadamente 38% no período. No dia 31 de maio de 2019 o dólar fechou cotado a R\$3,94, já no último dia útil de maio de 2020, a cotação foi de R\$5,43.

SUINOCULTURA

**Administrador Edmar W. Gervásio*

A suinocultura paranaense exportou em 2020 (jan a jun.) 66,8 mil quilos, esse volume representa um incremento de 22% quando comparado ao mesmo período de 2019. Já em relação à receita auferida pela

cadeia exportadora totalizou 151 milhões de dólares, 35% maior que 2019. O principal comprador da carne suína paranaense neste primeiro semestre de 2020 foi Hong Kong com participação de 42,5% do total que exportamos. O segundo País que mais importou carne suína do Paraná foi Cingapura com 19% do total.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo W. Godinho*

Desde a última semana diversos relatórios movimentaram o mercado de trigo, o que deve culminar em uma alteração relevante nos dados do USDA a serem publicados hoje (10/07). Cortes de produção são esperados em várias regiões exportadoras, os quais já refletiram nas cotações internacionais: os preços em Chicago para o trigo soft superaram US\$5,25 nesta quinta e registraram a cotações mais altas desde o final de abril. O número mais importante para o mercado brasileiro deve ser a confirmação da redução de área na Argentina, ocorrida em função da dificuldade de realização de plantios com o tempo seco.

Localmente, as atenções se voltam para as frentes frias. Com 97% da área plantada o Paraná deve encerrar o plantio nas próximas semanas, quando também deve ocorrer um aumento expressivo da área suscetível a geadas no estado, estimada em mais de 15% do total atualmente. Nesta semana, as geadas foram fracas e atingiram apenas áreas em desenvolvimento vegetativo; diferentemente de 2019, quando no dia 06/07 fortes geadas atingiram áreas em estágios reprodutivos e culminaram no principal motivo de uma redução superior a 30% na produção estadual de trigo.

Boletim Semanal* – 10/2020 – 10 de julho de 2020

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Batata 2ª safra

Com uma área cultivada de 11.763 hectares, a estimativa do setor é produzir 294.418 toneladas. Sendo que 86% do total da área foi colhida, e aproximadamente 84% do total colhido foi comercializado. As lavouras apresentam 76% das áreas em boas condições, 17% em condições medianas e 7% em condições ruins. Cerca de 78% da área cultivada se encontra na fase final de maturação, 12% na fase de frutificação e 10% em desenvolvimento vegetativo.

A média estadual dos preços recebidos pelos agricultores no início de julho/20 é R\$ 74,81/ 50 Kg, apresentando uma tendência de queda nos preços cotados no Estado do Paraná.

Segundo o boletim do CEPEA em 03/07/20, “o motivo da desvalorização dos preços da batata, é o aumento da oferta decorrente da intensificação da safra das secas em algumas regiões, como o sudoeste paulista, e do início da safra de inverno, em Vargem Grande do Sul (SP). Devido a qualidade, a amplitude de preços ainda persiste, com mínimos, de R\$ 60,00 e máximos de R\$ 140,00, mas com tendência de queda dia a dia”.

PECUÁRIA DE CORTE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Preços do boi e vaca para abate seguem firmes

Os preços do boi gordo seguem firmes no Brasil e no estado do Paraná. O ambiente favorável dos negócios com tendências de alta vem se concretizando devido a fatores como a baixa oferta de animais terminados. Além da reduzida oferta, as exportações para a China de proteína animal brasileira continuam

em alta, o que favorece a estabilidade das cotações em altos patamares.

Outro ponto que tem favorecido este cenário descrito, tem sido a abertura de restaurantes principalmente em São Paulo (grande centro consumidor). Segundo especialistas, mesmo que a demanda não esteja no mesmo nível de antes da pandemia, este processo acelera a reposição entre atacado e varejo.

No Estado do Paraná observamos alta de 8% na arroba do boi e da vaca recebida em média pelos produtores. Os preços variaram, saindo de R\$ 192,84 a arroba do boi no mês de junho de 2020 para cerca de R\$ 208,00 nesta semana. E no caso da vaca gorda saindo de R\$ 173,18 a arroba, para 187,67, no mesmo período. Estes preços foram os maiores observados no ano de 2020 até agora, entre estas categorias.

Mercado Atacadista Brasileiro

Os preços das carnes bovina no mercado atacadista continuam estáveis, as chances de aumento estão condicionadas ao relaxamento das medidas de isolamento social nos maiores centros consumidores (a exemplo de São Paulo) e com isso um consequente aumento no consumo do produto.

Mercado Atacadista Paranaense

No Paraná o mercado atacadista de carne bovina apresentou reação comparando-se a média do mês de junho de 2020 e a semana que se encerrou no dia 03/07. O corte de carcaça dianteiro que era comercializado a R\$ 12,68/kg, foi vendido em média a R\$13,25/kg, uma variação de aproximadamente 4,5%. No mesmo período, o corte de carcaça traseira variou de R\$ 15,01/kg para R\$ 15,76/kg, uma variação positiva de 5,0%.

Boletim Semanal* – 10/2020 – 10 de julho de 2020

AVICULTURA DE POSTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Segundo o relatório anual de 2020 da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a avicultura de postura brasileira atingiu o recorde de 49,055 bilhões de ovos produzidos em 2019, um incremento de 10,3% numa comparação com 2018, quando o país registrou 44,487 bilhões de unidades.

O número de aves de postura alojadas no campo também avançou, em 2019, foram quase 118,5 milhões de cabeças, 6,7% maior que o número de 2018, que foi de 111,1 milhões de galinhas.

De uns tempos para cá, a ciência e os consumidores passaram a reconhecer que depois do leite materno, o ovo é o alimento mais completo, na medida em que já vem naturalmente embalado, possui cerca de 70 calorias e é de baixo custo.

Por possuir proteínas, gorduras, vitaminas, minerais e os carotenoides luteína e zeaxantina, o consumo do ovo melhora a qualidade da alimentação e é um grande aliado para incrementar a dieta (é um alimento saboroso e acessível, além de uma excelente fonte de proteína).

Dado a tais fatos novos e intensa campanha de conscientização por parte dos produtores, observa-se anualmente um crescimento da produção de ovos e do consumo per capita no país.

Estima-se que em 2019, cada brasileiro consumiu 230 ovos, significando um incremento de 8,5% nos 212 ovos per capita consumidos em 2018.

Mesmo com o crescimento da criação de aves e da produção de ovos, outros estados como Espírito Santo e Pernambuco, o estado de São Paulo continua

no 1º lugar no ranking nacional, vindo a seguir Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná.

Preços dos ovos encerram junho em queda

De maio para junho, em termos médios, os preços dos ovos caíram nos três níveis do mercado. De acordo com os dados divulgados, pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), em junho, os preços dos ovos caíram para o segundo menor patamar do ano, atrás somente do registrado em janeiro, quando, geralmente, a liquidez é menor e os preços recuam.

As menores vendas de ovos refletem a “Coronacrise” - com a proibição de grandes eventos, cancelamento das festas juninas, concorrência com “ovos caipiras”, escolas fechadas (sem merenda escolar), redes de “foodservice” em funcionamento parcial, e, com isso, a procura por ovos foi menor em junho.

Segundo o Cepea/Esalq, mesmo com as desvalorizações de junho, os preços ainda são superiores aos registrados no mesmo período de 2019, em termos reais (deflacionados pelo IPCA de maio/20).

Em Bastos (SP), o preço do ovo branco tipo extra teve média de R\$ 94,44/caixa com 30 dúzias em junho, 6,2% abaixo da média de maio, mas 17,3% acima da de junho/19.

Para os ovos vermelhos, o recuo mensal foi de 3,9%, para R\$ 115,07/caixa em junho, mas ainda 24,5% acima dos valores observados no mesmo mês de 2019.

No Paraná, segundo informações da SEAB/DERAL, de janeiro a junho de 2020, o preço médio do ovo tipo grande ao produtor ainda está maior em 19,4%.

Boletim Semanal* – 10/2020 – 10 de julho de 2020

Porém, de maio (R\$ 96,13/caixa 30 dúzias) para junho (R\$ 95,39%), houve recuo próximo a 1%. E, considerando junho de 2019, o preço médio de junho 2020 está maior em 28,4%.

No atacado de janeiro a junho de 2020, também os preços estão maiores em 22,4% (junho/2020: R\$ 100,76 e janeiro/2020: R\$ 82,32), mas em relação a maio do ano corrente o preço caiu 5,6%, já que em maio foi de R\$ 106,27/ caixa de 30 dúzias. No entanto, em relação um ano atrás o preço está maior em 24,9%.

No varejo os preços médios estão maiores em 8,6% (junho/2020: R\$ 5,49/dúzia e janeiro/2020: R\$ 5,02), mas reduziu-se 4,7% em relação a maio /2020, cujo valor foi de R\$ 4,7/dúzia. Já em comparação a igual mês de 2019, os preços praticados em junho foram 18,3% maiores.

Assim, conclui-se que apesar dos reflexos negativos da pandemia na oferta e demanda (e preços instáveis), o setor avícola de postura vivencia bom momento, favorecido pelo aumento da preferência por ovos e por consequência, da demanda por parte dos consumidores.

Preços mais altos dos insumos preocupam os avicultores

No Paraná, segundo dados da SEAB/DERAL, o preço do milho no atacado de janeiro a junho de 2020 em relação a junho de 2019 esteve maior em 27,4%, ao passo que o farelo de soja está maior em 30,7%.

Os preços mais altos de tais insumos, fundamentais e essenciais tanto na avicultura de corte como de postura pressionam sobremaneira seus custos de produção, preocupando o setor produtivo de ovos e carnes.

As relações de troca milho e farelo de soja servem para aquilatar o poder de compra dos produtores de ovos para consumo, frente a tais insumos: para o milho, em junho de 2020 esteve em 7,7 e em junho de 2019, 6,0. Já em relação ao farelo de soja, tal relação fixou-se em: 18,5 (junho/2020) e 14,1 (junho/2019).

Ou seja, tanto para o milho como para farelo de soja, a relação de troca esteve mais favorável ao avicultor em junho de 2019 (para comprar-se uma tonelada de milho ou farelo de soja, despendeu-se menos caixas de 30 dúzias de ovos).

Fiquem ligados no DERAL:

<http://www.agricultura.pr.gov.br>

[Facebook.com/deralseabpr](https://www.facebook.com/deralseabpr)

Instagram: @deralseabpr